

Ophthalmo — *olho* : ophthalmographia, ophthalmoscopio, ophthalmomotonia.

Ornitho — *passaro* : ornithologia, ornithomancia.

Ortho — *recto* : orthographia, orthologia, orthodoxia, orthopedia.

Osteo — *osso* : osteologia, osteographia, osteophago.

Paleo — *antigo* : paleontologia, paleographia, paleozoologia.

Pan — *tudo* : pantheismo, pantheista, panorama, panslavismo.

Patho — *molestia* : pathologia, pathologista, pathogenia.

Philo — *amigo* : philantropo, philantropia, philologia, philologo.

Phlebo — *veta* : phleborrhagia, phlebotomia.

Phono — *voz* : phonographia, phonologia, phonographo.

Photo (phos) — *luz* : photographia, photographo, photo-lithographia, phototypia, photometro, photophoro, photosphera, phosphoro.

Physio — *natureza* : physiologia, physiognomia, physionomia.

Podo — *pé* : podoptero, podocarpus, podagro, podómetro.

Pseudo — *falso* : pseudonymo, pseudopropheta, pseudópodos, pseudelminthos.

Psycho — *alma* : psychologia, psychologo, psychognose.

Ptero — *aza* : pterópodos pterodactilo.

Pyro — *fogo* : pyrotechnia, pyrotechnico, pyrophoro, pyrometro.

Rhino (rhin) — *nariz* : rhinoceronte, rhinoplastia, rhinalgia.

Stero — *solido* : stereoscopio, stereometria, stereotypo.

Strate — *exercito* : stratagemas, estratégia, estratocracia.

Tele — *longe* : telegraphia, telegramma, telepathia, telephone.

Theo — *Deus* : theologia, theosophia, theocracia, theodicéa.

Thermo — *calor* : thermometro, thermo-electrico, thermologia.

Topo — *logar* : topologia, topographia, toporáma, toponymia.

Typo — *modelo* : typologia, typographia, typochromia, typomania.

Zoo — *animal* : zoologia, zoographia, zoophoro, zoophyto, zoolatra, zoolitho.

Mono — **mon** — *um, unico* : monosyllabo, monomio, monopolio, monotheismo, monotonia, monographia, monoptéro, monarchia, monandro.

Dis — **di** — *dois* : distico, dissyllabo, diandria, dilemma, diphthongo, diedro, dioico.

Tri — *tres* : trisyllabo, triandria, triedro, trigonometria, trilogia, triphthongo.

Tetra — *quatro* : tetraedro, tetracordio, tetrasyllabo, tetragramma, tetrámetro.

Penta — **pent** — *cinco* : pentagono, pentandria, pentápole, pentametro.

Hex — *seis* : hexametro, hexagono, hexaedro.

Hepta — **hebd** — *sete* : heptagono, heptaedro, heptarchia, hebdomadario.

Octo — **oct** — *oito* : octogono, octaedro, octosyllabo.

Ennea — *nove* : enneágon, enneapétalo, enneacordio.

Deca — *dez* : decágon, decálogo, decâmetro, decalitro, decaedro.

Endeca — *onze* : endecagono, endecasyllabo, endecandria.

Dodeca — *doze* : dodecagono, dodecaedro, dodecardio.

Ico — *vinte* : icosaedro, icosandria.

Hecaton — **hecato** — **hecto** — *cem* : hecatombe, hecatonstylo, hecitolitro, hectare.

Kilo (*chilo é a graphia grega*) — *mil* : kilogramma, kilolitro, kilometro.

Myria — *dez mil* : myriametro, myriantho, myriapodo.

Poly — *muito* : polysyllabo, polyandria, polygamia, polyglotta, polygono, polytheismo, polytechnico, polygrapho.

Proto — **prot** — *primeiro* : protomartyr, protocanonico, protótypo, protocóllo, protóxydo, protagonista.

III. Elementos estrangeiros

334. O lexico primitivo latino, ampliado pelos processos vernaculos de derivação e composição, alargou-se ainda com os subsidios fornecidos por linguas estrangeiras, com as quaes veio o portuguez em contacto no decurso de sua historia.

Como um rio, humilde em seu inicio, se vae engrossando, em longo trajecto, com o tributo hydrographico de ampla bacia; assim o nosso lexico, humillimo em seu ponto de partida, se foi opulentando, não só com o processo organico de sua evolução genial, mas ainda com os bastos subsidios do elemento estrangeiro fornecido, por diversas causas historicas, no transcurso dos seculos.

A aquisição do elemento estrangeiro para o nosso lexico constitue o que se chama *importação* ou *emprestimo* de linguas estrangeiras, que, com a *formação popular* e a *formação erudita* de palavras, nos dá a conhecer o triplice processo que enriqueceu progressivamente o lexico primitivo, insufficiente para a expressão das idéas no progredir incessante da humanidade.

O nosso lexico actual consta, pois, de trez camadas distinctas de palavras: as de cunho *popular*, *erudito* e *estrangeiro*.

1.º LINGUAS PENINSULARES.

335. Duas migrações pre-historicas tinham invadido a peninsula Iberica; eram ellas as dos *ibéros* e dos *celtas*, povos que se prendiam ao tronco *aryano*, cuja união posterior produziu os *celtibéros*.

Além destes, lá pelos annos 2.000 antes da E. C., mercadores *phenicios* de origem *semitica*, e, posteriormente, os *carthaginezes*, seus descendentes do norte da Africa, vieram estabelecer-se no litoral. No VII ou IX seculo antes da E. C., os *gregos* seguiram-lhes a esteira no afan mercantil dos tempos primitivos.

Quando os romanos, no segundo seculo antes de Christo, penetraram na Peninsula, ahi encontraram varios dialectos *celticos* e *ibericos*. Dos dialectos *celticos*, notavam-se, ao norte, o *cantábrico*, e, ao occidente, o *callaico* e o *lusitano*. Dos dialectos *ibericos*, notava-se principalmente, na região pyrenaica, o *vasconço*, *basco* ou *euskaro*.

Deixando o estudo do elemento grego para o paragraho seguinte, registramos em nosso lexico os seguintes vocabulos das linguas peninsulares;

- a) DO BASCO, EUSKARO ou VASCONÇO : aba, bolsa, bezerro, bizarro, charco, charro, garra, esquerdo, mandrião, morro.

Nota : Segundo A. Coelho, não se limitou ao lexico a influencia de basco, mas estendeu-se á grammatica, dando-nos os suffixos : — *arro*, — *arra* (bizarro, bizarra, homeinzarrão), — *orro*, — *urro* (cachorro, modorra, pachorra, casmurro).

- b) DO CELTA : bacia, bico, bojo, bragas, carpinteiro, carro, cavallo, cerveja, legua, lança, sabão. — Dos dialectos *celticos* modernos temos : — dolmen, menhir, cromelech, druida, bardo.

- c) DO PHENICIO : atum, barca, mamona, mappa.

2.º GREGO.

336. Em quatro épocas differentes tem o *grego* influido no lexico portuguez, chegando sua influencia a attingir o terreno grammatical.

a) Quando os romanos desembarcaram na Hespanha (212 A. C.), havia já uns quinhentos ou setecentos annos que os gregos, á semelhança dos phenicios e carthaginezes, tinham estabelecido no litoral colonias mercantis. Mais chegado ao latim e ás linguas nativas por affinidade genealogica do que o phenicio e o carthaginez, linguas semiticas, deixou o grego dessa época, mais que estas, vestigios em nosso lexico. Pertencem a essa camada primitiva os seguintes termos de origem grega: *ermo*, *sumo*, *tio* (thio), *calma*, *chato*.

b) A diffusão do Christianismo no Occidente, do sec. I, principalmente até o sec. V. da E. C., veio pôr novamente o grego em contacto com a evolução do latim.

A fonte immediata do Christianismo é o *Novo Testamento*, escripto originalmente no grego da decadencia chamado *hellenista*. O proprio *Velho Testamento*, fonte do judaismo, escripto originalmente em hebraico, que incorporado com o *Novo*, constitue a *Biblia*, livro sagrado da religião christã, era, nessa época, mais lido em grego pela traducção dos *Setenta*, effectuada no sec. III antes do E. C., do que o proprio original. Além dessa influencia da *Biblia*, uma circumstancia historica vem explicar a larga in-

fluencia do grego na evolução das linguas romanicas em geral, é o facto de ser nesse periodo o grego a lingua official da Igreja, mesmo no Occidente. Do sec. V. em diante, é que se opera, nesta região, o advento do latim como lingua official da Igreja, com Tertuliano, S. Agostinho e com a *Vulgata* latina, traducção da Biblia effectuada por São Jeronymo.

Devido a estas circumstancias historicas, o grego chegou a influir na propria grammatica fornecendo-nos elementos no processo de *derivação*, taes são os suffixos: — *-ismo*, *-ista*, *-ia*, *-izar* (*militarismo*, *militarista*, *baronia*, *civilizar*).

A literatura ecclesiastica legou grande copia de vocabulos a nosso lexico. Exs.:

Christo (=ungido), apostolo (=enviado), anjo (=mensageiro) bispo (=vigia), presbytero (=mais velho, official ecclesiastico), arce-diago, archanjo, eucharestia, chrisma, latria, dulia, hyperdulia, idolo, idolatria (por idolatria), iconoclasta, encyclica, chrysópraso, chrysolitho (=pedra de ouro), Chrysostomo (bocca de ouro), Chrysologo (palavra de ouro), igreja, mosteiro, diocese, diocesano, metropolitano, párocho, parochia, parochiano, monotheismo, polytheismo, pantheismo, atheismo, epiphania, Timotheo (=temente a Deus), Dorothea, Philippe ou Felippe.

c) O imperio grego bysantino dominou o sul da Hespanha no sec. VI e VII da E. C., não deixando por certo de reforçar a influencia da religião no lexico romanico.

d) Modernamente, por via erudita, incorporaram-se em nosso lexico numerosos vocabulos formados com elementos do grego classico e pertencentes á nomenclatura scientifica e artistica, de que já demos larga lista.

Telegramma, telegrapho, telegraphia, telepathia, telescopio, microscopio, cinematographo, glottologia, glossologia, philologia, taxonomia, lexicologia, lexeologia, morphologia, phonologia, phonographo, phonographia, polyglotta, polytechnico, kilometro, (por chilometro), kilolitro (por chilolitro), decalitro.

3.º HEBRAICO.

337. Dois factos historicos explicam a presença do elemento hebraico no lexico portuguez:

a) O V. T., parte integrante da Biblia, foi escripto em hebraico, e embora fosse mais largamente usada pela

Egreja a traducção grega dos Setenta e, posteriormente, a traducção latina da Vulgata, comtudo muitas palavras e locuções hebraicas subsistiram nas traducções, e passaram para o portuguez por via ecclesiastica.

b) A *diaspora* ou dispersão dos judeus por todas as nações, aggravada pela conquista da Judéa e destruição do Templo de Jerusalem, por Tito em 70 da E. C., veio dar mais intensidade á influencia do hebreu na formação do lexico romanico.

São dicções hebraicas incorporadas em nosso lexico as seguintes:

Messias (=ungido), messianico, messianismo, rabbino, rabboni, sabbado, alleluia, amen, hosanna, pascoa (=passagem), manná, ghenna, malsim, Golgotha, Jesus (=salvador), Josué, Job, João, José, David, Salomão, Gabriel, Sara, Abrahão, Isaac, Judas, Jacob, Israel, Rachel, Ruth, Maria, Martha, Saul, Jonathas, Ezechiel, Isaias, Daniel, Miguel, Moysés, Satan, Satanaz, Beelzebut e Belzebu.

Além destes *hebraismos* lexicos, temos os seguintes *hebraismos phraseologicos*:

Cantico dos canticos, rei dos reis, senhor dos senhores, filho da perdição, filho do peccado, filho da desobediência, filhos de Belial (=impios).

4.º GERMANICO.

338. O elemento germanico de nosso lexico pertence a duas camadas distinctas:

a) Os *visigodos* ou *godos* do Occidente, povo de origem germanica ou teutonica, invadiram a peninsula Iberica em 419 da E. C., descendo, sob o commando de Ataulfo, como uma poderosa avalanche, as escarpas meridionaes dos Pyreneus, e, varrendo, deante de si, alanos, suevos e vandalos, barbaros, que os haviam precedidos, ahi se estabeleceram mesclando-se com as populações nativas e acceptando a lingua dos vencidos.

Apesar de não ser tão intensa a sua acção na Lusitania, extremo occidental da Peninsula, todavia o lexico e até a grammatica conteem traços de ter elle exercido larga influencia.

Conta A. Coelho não menos que 295 vocabulos de origem gothica certa ou provavel.

Além dessa influencia lexicologica, attribue-se-lhe ainda, na prosodia, a mudança do *v* lat. na guttural *g*, em certas palavras, p. ex.: *væ* deu *ai*, e por influencia gothica *guai* no *v.* port., *vomitare* deu *gomitare* no dial. pop., *Wilhelm* deu *Guilherme*.

Na morphologia deu-nos o elemento germanico o suff. *-engo-camarlengo, verdolengo, realengo, judengo*.

Albergue, arcabuz, arreio, arauto, bandeira, abandonar, bahu, balcão, banco, barão, baluarte, brandir, bordo, bragas, banhos (de casa-mento), brasa, brida, canivete, escuma, elmo, espora, guerra, guisa, feudo, feudal, feudatario, franco, norte, sul, éste, oeste, sala, tira, tregua, trapo, luva, orgulho, ufano, trabuco, trica, roubar, vaga, pelourinho, piloto, droga, toear, marchar, tomar, quilha, rato, rocim, guardar, guarir, (arch.), ganhar, facha, farpa, camisa, Carlos, Astolfo. Ataulfo, Eduardo, Eberardo.

b) Modernamente, a importação é, em geral, feita por intermedio do francez, e são poucos os vocabulos:

Vagão, nickel, talvegue, (talweg), quartz, zinco, manganez, çobalto, bismutho, valsa (walsa), talco, gaz (palav. inventada por Von Helmont).

5.º ARABE.

339. Quasi 300 annos depois da invasão visigothica, appareceram os arabes das bandas da Africa. "Ao furacão do Norte, segue-se o vendaval do Sul", e os visigodos tiveram de, por sua vez, recuar ante as hordas arabes e mourescas, que, transpondo o Gibraltar, venceram Roderico, rei godo, ás margens do Chryssos, em 711, e invadiram a Peninsula como um bando de gafanhotos.

Por mais de 700 annos, em porfiada lucta, Pelagio, que se retirara para as Asturias com o resto dos godos, e seus successores, foram, a pouco e pouco, abatendo o crescente de Islam ante o lábaro do Christianismo, até que, em 1492, as armas victoriosas de Fernando e Isabel varreram do solo da Hespanha os filhos do deserto.

O arabe, lingua semitica, de indole mui differente da da familia aryana, influiu apenas em nosso lexico, apesar do seu longo dominio peninsular, deixando-nos cerca de

* 300 vocabulos, quasi todos substantivos referentes á administração, agricultura, artes, industrias, cozinha, guerra, jogo, pesca, etc., grande numero delles precedidos do artigo *al* juxtaposto. Exs.:

Alfandega, alcorão (korão), alarido, alambique, alfazema, alfeloá, alfenim, alcatifa, alcouce, algalia, alarde ou alardo, alarve, arabe, albarda, alface, alfaiate, alfaia, alcool, algarismo, alfange, algebra, algoz, almoxarife, almondega, alqueire, alviçaras, almenara, alfombra, almo-creve, arroba, arratel, armazem, arsenal, atalaia, ataúde, azar, azeite, açucar, azul, azinhavre, andaime, arrais, annexim, bácoro, baraço, borzeguim, cáfila, escabeche, fatia, fulano, garrafa, gengivre, julepo, jarra, macio, matraca, mesquinho, oxalá, sáfaro, tarimba, xadrez, xarope, zagal, zero, cifra, zenith, nadir, setim, aldraba, assassino, mandil.

6.º FRANCEZ.

340. O elemento francez em trez differentes épocas penetrou em nosso idioma:

a) Do sec. XI ao sec. XIII, dois factos historicos concorreram para que se fizesse sentir largamente o influxo francez.

Em primeiro logar, o casamento do conde D. Henrique de Borgonha com D. Tareja, filha natural de D. Affonso VI, rei de Castella. Recebeu D. Henrique em dote o condado portugualense, na faixa occidental da Peninsula, e para lá attrahiu numerosos fidalgos e guerreiros francezes, que, naquelles tempos de heroismo cavalheiresco, enxameavam á cata de aventuras.

Em segundo logar, o lyrismo provençal do sul da França, que, nesse periodo, se diffundia por toda a Europa, veio, através da Galliza, cujo dialecto era identico ao fallado na região portugualense, exercer largo influxo no desenvolvimento do portuguez. Além da corrente lyrica do sul da França, temos ainda, nesse periodo, a corrente épica do cyclo heroico carlovingiano e arthuriano do norte da França, que veio dar maior intensidade á influencia da lingua franceza sobre o nosso idioma, que apenas sahia da chrysalida medieval com a nacionalidade portugueza, fundada pelo filho de D. Henrique. O vocabulario do portuguez arch. contem fundos traços dessa influencia.

b) No sec. XVIII, a corrente literaria do classicismo francez veio em Portugal reagir contra o gongorismo da eschola hespanhola, e assim o francez se poz novamente em contacto mais intimo com o portuguez.

c) Finalmente, em nossos dias, o francez, por meio de sua exuberante literatura e obras didacticas, exerce amplamente a sua influencia tradicional sobre o vernaculo, logrando extendê-la além do lexico, á propria syntaxe, e provocando justificados clamores de nossos puristas contra as francezias, que vão mareando cada vez mais o brilho da lingua nacional.

Na *Gr. Expositiva, Curso Superior*, mostrámos essas francezias ou gallicismos viciosos (§§ 506—513); aqui só indicaremos o elemento francez já incorporado em nosso lexico. Exs.:

Paletó, boné, chalet, envelope, jornal, embecil, bonhomia ou bonomia, crachá, chicana, garantia, massacrar, isolado, (insulado), pret, aguerrido, pretencioso, emoção, bandido, constatar, installar, rotina, tartuffo, brochura, tiragem, sangue-frio, rosicler, etiqueta, mediações, susceptivel, voluptuosidade, tocante (pathetico), regressar, complacente, domestico (subst.), degelar, felicitar, felicitações, vendaval, comboio, tostão, clara-boia, tambor, toesa, framboeza, passamanes, avenida (= alameda), viavel (= exequivel), viveres (= mantimento, comestiveis, vitualhas), interessante (= curioso).

Muitos desses francezismos, frequentemente usados entre nós, guardam a orthographia franceza: *chalet, pret, boudoir, bouquet, elite, avalanche, rendez-vous, mis-en-scena, passe-partout, tête-à-tête, blasé, croquis* (= esboço), *cache-nez, cognac*.

7.º HESPANHOL.

341. O elemento genuinamente hespanhol em nossa lingua é relativamente diminuto, devido ao facto de ser quasi commum o vocabulario de Portugal e de Hespanha, por causa da contiguidade historica e geographica das duas nações.

São manifestamente de origem hespanhola os seguintes vocabulos:

Abanico, espadilha, el-dorado, fandango, frente, llano manilha, muchacho, quixote, sarabanda, seguidilha, caramba, zarzuela, castanhola, cachucha, patuléa, bolero, savanna, trecho.

8.º ITALIANO

342. O elemento italiano se fez sentir primeiro no sec. XVI pela corrente humanista da Renascença ou o renascimento da literatura classica greco-latina, que teve por fôco a Italia, e dahi, irradiando-se por toda a Europa, veio influir fortemente nos escriptores quinhentistas e determinar o periodo aureo do portuguez. De então para cá, quer directamente, quer através do francez, tem o italiano contribuido para o lexico com muitos termos concernentes á literatura, á musica e ao commercio. Essa contribuição tende a crescer modernamente com a larga immigração italiana para o sul do Brasil.

Já se acham incorporados no lexico:

Adagio, agio, bancarrota, bussola, arlequim, pasquim, barcarola, gondola, bufo, burlesco, grotesco, cantata, cavatina, cascata, charlatão, cicerone, lazarone, dilettante, macarrão, pastel, doge, allegro, arpejo, contralto, soprano, tenor, piano, crescendo, violão, violino violoncello, duello, tercetto, dueto, aquarella, madrigal, carnaval, gazeta, paladino, banquete, regata, terra-cotta; caricatura, fanfreluche, alerta, concerto, fiasco, soneto, opereta, serrallo.

9.º INGLEZ.

343. O elemento inglez nos vem não só da Inglaterra, mas tambem dos Estados Unidos da America do Norte. Tem favorecido essa communicacão as antigas relações politicas da Inglaterra com Portugal, sua riquissima literatura, e, sobre tudo, a largueza de seu commercio. Os anglicanismos de nossa lingua referem-se, em geral, ao commercio, á estrada de ferro, a diversões e á cozinha, como se vê na seguinte lista:

Cheque, dollar, shelling, penny (pl. pence), bill, meeting, club, leader, jury, tilbury, coke, breque, tunnel, tender, tramway, railway, drenagem, jockey, sport, clown, record, foot-ball, cricket, bife (beef), lanche (lunch), croquet, pudim, spleen, dandy, flirt, high-life (=hai-laif), crup, pamphleto, roast-beef, lord, gentleman, fashionable, water-proof, water-closet, great-attraction, confortavel (comfortable—confortabilis), doido, redingote (ridingcoat), yacht, bolina (boline), rhum, gin, grog, pick-pockte sandwich.

10.º RUSSO.

344. E' raro o elemento russo. Conta-se: — *caleche, cosaco, cigano.*

11.º HUNGARO.

345. Como o antecedente, é raro o elemento hungaro: — *coche, cocheiro, sutache, bussardo.*

12.º ASIÁTICO.

346. O elemento asiatico nos veio de varias linguas da Asia, por meio das conquistas e commercio dos portuguezes no Oriente, desde o sec. XVI, época do descobrimento do caminho das Indias, por Vasco da Gama, o heroe dos Lusíadas. Os nossos *asiaticismos* são de origem diversas:

Da India : brahmane, fakir, pagode, nababo, rajah, chatim, cachemira, pariah, saraça, corja, canja.

Da China : chá, chavena, mandarim, nankim, leque.

Da Persia : bazar, balcão, caravana, divan, damasco, satrapa, turbante, taboleiro, tafetá, paraíso, xá.

Da Turquia : tulipa, janizaro, odalisca, pachá, padichá, bey, bergamota, caftã, kiosque.

13.º AFRICANO.

347. O elemento procedente de linguas africanas nos veio igualmente desde o sec. XVI, com o estabelecimento de colonias portuguezas na costa da Africa e das relações commerciaes. Posteriormente, com a introdução da escravidão negra no Brasil, avolumaram-se os *africanismos* no vocabulario brasileiro. Damos a lista de alguns:

Azagaia, banzar, banza, banzé, bugio, cacimba, cangica, carimbo, chafariz, calunga, empatar, inhame, lundu, macaco, mono, mulambo, macomba, malungo, mandinga, moxiuga, mocama, moleque, maxim, mazombo (?), papagaio, quejila e quesilia, senzala, tanga, orucungo, zanga, zebra, zuavo, candongas, matungo, camondongo, quiabo, quibebe, fula, giló, vatapá, aluá, quingombô, batuque, birimbau, caçula, caruru, marimba, banguê, zambi, mocotó, tarimba, gambá.

14.º AMERICANO.

348. O elemento americano nos veio principalmente do *tupi-guarani*, e data do sec. XVI com o descobrimento e

colonização do Brasil. Grande é a copia de *americanismos* no lexico brasileiro, os quaes designam, em geral, logares, rios, vegetaes, animaes, objectos domesticos. Damos alguns exemplos:

Pernambuco (=quebra-mar), Pará (=mar, rio grande), Paraná (=rio enorme), Paraguay (=rio do papagaio), Parahyba (=rio ruivo), Pindorama (=paiz das palmeiras), Sergipe (=rio dos siris), Goyaz (=gente da mesma raça), Piratininga (=o secca-peixe), Itapetininga (=lagado enxuto), Cambucy (=pote), Itu (=cachoeira), Curityba (=pinhal), Mogy (=rio das cobras), Mococa (=plantação), Yporanga (=agua bonita), (=poranga=bonito) moranga, taba, jaguar, jararacussu, tapera, capoeira, cipó, abacate, abacaxi, araçá, jaboticaba, gabi-roba, capim, catinga, coivara, coera, sapé, mandioca, cará, arara, urubu, sabiá, marimbondo, carioca (=descendente de branco), pipoca, sapiroca, arapuca, cuia, cuietê, pampas, cochilas, jalapa, alpaca, condor, caimão, caburé, cabreuva, caçara (trincheira), caipira, caipora, cambu-quirá, capão (de mato), caraguatá, catapora, catête, tamanduá, tijuco, paçoca, pampa, noitibó, jararaca, jatobá, congonha, chué, perebas, typity, tangará, embira.

SEMANTICA

DO SENTIDO DAS PALAVRAS E DA MUDANÇA DO SENTIDO

CAPITULO I

349. **Semantica** (gr. *semainô*= significar) também *semasiologia* (M. Lübke), *sematologia* e *semiotica*, é o estudo das leis que presidem á mudança de sentido das palavras.

A evolução linguistica attinge a palavra não só em seus elementos *phonicos* e *morphologicos*, mas também em seu elemento *psychologico*, *ideologico* ou *significativo*.

Como acontece com os phonemas, é instavel o sentido das palavras; como aquelle, este evolve. E, se para a evolução phonetica ha leis, para a evolução ideologica vocabular, devem ellas igualmente existir; se, pois a *Phonetica* é uma sciencia constituída, deveria sê-lo semelhantemente a *Semantica*.

Porém, como observa A. Dauzat, os factos dos phenomenos *psychologicos* são mais fluctuantes, e ainda mais com-

plexos, e, sobretudo, sujeitos a influencia e acções mais diversas, do que o que acontece com os da Phonetica. Por isso, apesar dos trabalhos de sabios eminentes, não está ainda constituida a *Semantica* como sciencia.

350. EVOLUÇÃO SEMANTICA. A analogia está na base de toda a evolução semaantica, e a *associação das idéas* é o seu principio dirigente (A. Dauzat).

O sentido da palavra nos é dado pelo elemento morphologico, isto é, pela *raiz*, pela *desinencia* e pelos *affixos*.

Raiz ou *radical* é a parte central da palavra, que encerra a idéa matriz, idéa vaga, indefinida, sem categoria grammatical.

A *flexão* ou a *desinencia* determina a idéa ou sentido, dando-lhe categoria grammatical.

Os *affixos* (*prefixo e suffixo*) teem a mesma funcção determinativa em relação á *raiz*.

Assim desses elementos morphicos se póde deduzir o sentido da palavra, p. ex.: o sentido vago da raiz *am* é determinado pelo suffixo nominal *-or* = *amor*; a palavra assim formada póde ainda ser determinada ou modificada pelo suffixo nominal *-oso* = *amoroso*; esta, por sua vez, póde ser modificada pela flexão do plural — *s* = *amorosos*; ainda póde trazer-lhe mais uma modificação ou determinação o prefixo — *des* = *desamorosos*.

O sentido original de uma palavra é a sua significação *etymologica*.

Raramente se mantem inalteravel a significação etymologica. Mas do que os elementos *physiologicos* ou *objectivos* da linguagem, são instaveis, como dissemos, os elementos *psychologicos* ou *subjectivos*.

351. Estudando a constante variação de sentido das palavras, attribue Whitney este phenomeno a dois processos: a *especialização* do geral, e a *generalização* do particular. De facto, em regra, o sentido ora se contrae do geral para o particular, ora se expande do particular para o geral. E' o fluxo e o refluxo da idéa na mobilidade do lexico.

Estudemos, pois, este movimento de contracção e expansão na translação de sentido das palavras.

I. GENERALIZAÇÃO DO PARTICULAR.

352. A lei da generalização do sentido ou *expansão* da idéa é vulgaríssima e constante na evolução de qualquer lingua. Examinemos alguns exemplos:

Templum, (contracção de *tempulum*, diminutivo de *tempus* = tempo) \rightsquigarrow *templo*, significava primitivamente “o quadrado traçado no céu pelo augur ou agoureiro, e no interior do qual se observavam os presagios (Bréal)”. Generalizou-se posteriormente a qualquer edificio consagrado ao culto da Divindade.

Contemplare, \rightsquigarrow *contemplar*, significava originariamente a observação do *templum* ou espaço celeste delimitado pelo agoureiro romano. Passou depois a significar qualquer observação objectiva ou subjectiva.

Considerare, (com + *sidera* + *are*) \rightsquigarrow *considerar*, tinha em sua origem o sentido específico do uso religioso dos astrologos, que liam nos astros (*sidera*) o destino dos homens. Hoje perdeu a lingua a consciencia deste sentido primitivo especial, e dá-lhe o sentido geral de qualquer acto de atenção ou observação.

Palatium, \rightsquigarrow *palacio*, era a principio o nome proprio do monte Palatino em Roma. Nero ahi construiu sua residencia, que assumiu o appellido do monte, e esse appellido generalizou-se a todas as residencias reaes ou nobres. Em Ovidio já se encontra o sentido geral.

Cesar, nome proprio do primeiro imperador romano, ampliou-se como nome appellativo de todos os imperadores ou reis. Delle deriva-se *cesar* e *cesarismo*, bem como *kaiser* do alemão, e *tzar* ou *czar* do russo,

Assassino, (ár. *haschichin*), “nome de salteadores arabes, famosos no Oriente nos tempos das Cruzadas, que traiçoeiramente tiravam a vida aos que lhes indicava o *Velho da Montanha*, seu chefe”. O termo generalizou-se a todos os que criminosamente tiram a vida a seu proximo.

Carrasco, nome proprio de um algoz em Lisboa (Belchior Nunes Carrasco), que se generalizou a todos os algozes.

Tartufo, nome proprio de uma das personagens das comedias de Molière, ampliado a todos os que, como esse typo comico, se mostram de insigne hypocrisia. Dahi *tartuflismo*.

Amphitryão, personagem de uma comedia de Plauto, cujo nome se expandiu a todos os que a sua mesa reúnem amigos.

II. ESPECIALIZAÇÃO DO GERAL.

353. Em sua origem primitiva os nomes proprios foram uma especialização ou antes uma individualização do geral, isto é, de nomes appellativos. Assim no hebraico:

Moyés = salvo das aguas, Jacob = o supplantador, Eva = vida, João = o favorecido, Manoel = Emmanuel = Deus conosco, Bethlehem (Belém) = casa de pão, Bethel = casa de Deus, Bethaven = casa da vaidade, Boanerges = filho do trovão, Gabriel = homem de Deus, David = o amado, Daniel = juiz divino.

O mesmo phenomeno observa-se em outras linguas antigas:

Carlos = o forte, Frederico = o governador pacifico, Edmundo = o defensor da propriedade, Eduardo = o guarda da propriedade, Erasmo = o amavel, Gilberto = o famoso, Bernardo = arrojado como o urso, Alfredo = bom conselheiro, Affonso (Alphonso) = Alonso = todo prompto, Alberto = illustre, Calvino = o calvo, Eusebio = o pio, Alexandre = o defensor dos homens, Athanasio = o immortal, Basilio = o real.

O mesmo processo natural denunciam as linguas de nossos indigenas:

Itá = cachoeira, Tietê = curso d'agua verdadeiro, caudal, Itatiaia = pedra dentada, Itajubá = metal amarello = ouro, Jabaquara = quilombo, Tupi = pae, progenitor, Guarani = guerreiro, Botucatu, = bons ares.

Muitos de nossos nomes accusam flagrantemente este processo:

Innocencia, Constançia, Lobo, Pereira, Porto, Bahia, etc.

Pertence ainda a este processo da especialização do geral a restricção que certas palavras tem soffrido na evolução da lingua, como, p. ex.:

Charta = carta, tinha em latim sentido generico de *papel, escripto, livro*; especializou-se em port. no sentido de *epistola*.

Britar, no v. port., tinha a accepção generica de *quebrar*; actualmente restringe-se á accepção especial de *quebrar pedras*.

Guizado, part. de *guizar*, tinha no v. port. o sentido generico de *preparar*; hoje restringe-se em geral a um *preparado com molho ou refogado*.

Divisar, tinha antigamente o sentido amplo de *separar, delimitar, assignalar, aprazar, descrever*. Modernamente restringe-se a sua significação no uso corrente a *delimitar a olho, discriminar, distinguir a distancia*.

CAPITULO II

TROPOS

354. Evolução tropologica.

Dentro e fóra dos dois processos, que acabamos de estudar, opera-se, em larga escala, a translação de sentido que obedece ás figuras de pensamento ou *tropos*, que são — *metaphora, metonymia, synédoche e catachrese*.

I. METAPHORA.

355. METAPHORA (gr. *translação*) é a figura de pensamento que consiste na mudança de sentido das palavras por *analogia* ou *semelhança*. A larga influencia da metaphora na mudança do sentido das palavras faz-se sentir não só no movimento historico do lexico, mas ainda no movimento estylistico.

a) No estylo imaginoso, a translação metaphorica do sentido das palavras representa papel de bello effeito esthetico. E' commum nesse estylo empregar-se, p. ex.: — *anjo* por pessoa bondosa, *leão* por pessoa corajosa, *ferro* por espada, *raio* por grande rapidez, *vibora* por pessoa maligna e traiçoeira, *foguete* por pessoa irrequieta.

b) Na *metaphora* ainda temos a causa da significação de muitas palavras simples e compostas, p. ex.: *serra* (montanha), *lagarto* (do braço), *pé* (de mesa), *perna* (do compasso), *2 pé-de-gallinha*, *unha-de-gato*, *olho-da-enxada*, *cabeça-de-prego*, *raiz* (de monte), *garganta* (de serra), *organismo* (da linguagem), *vida* (das palavras), *ceder* (a razões).

c) A' *metaphora*, finalmente, devemos o actual sentido de muitas palavras, que originariamente tinham sentido diverso, porém, *analogo*:

Espirito	←	spiritum	=	vento, sopro
Senhor	←	seniorem	=	mais velho
Major	←	majorem	=	maior
Bispo	←	episcopum	=	vigilante
Presbytero	←	presbytero	=	mais velho
Diacono	←	diaconum	=	servo
Ministro	←	ministerium	=	servo
Padre	←	patrem	=	pae
Pensar	←	pensare	=	pesar
Sargento	←	servientem	=	servo
Cardeal	←	cardinalem	=	importante
Saber	←	sapere	=	provar, gostar

II. METONYMIA.

356. METONYMIA (gr. = *mudança de nome*) é a figura de pensamento que consiste na mudança de sentido de uma palavra pelo de outra com que está em *connexão constante*. Ella tem por fundamento a *continuidade* ou a *coexistencia* de duas noções.

E' frequente essa translação metonymica determinada pelas seguintes relações:

1.^a *A causa pelo effeito*. Quando empregamos a palavra *trabalho* na accepção de *obra*, de resultado do acto de trabalhar, damos-lhe um sentido tropologico, ao *effeito* applicamos o nome da causa. Assim *engenho*, machinismo, resultado de *engenho* humano ou intelligencia; *caridade* em — *practicar caridade*, isto é, *actos de caridade*.

2.^a *O effeito pela causa*. Phenomeno contrario ao antecedente, é igualmente commum. Camões dá sentido metonymico á palavra *trovões*, usando-a pela causa que os produz, no seguinte verso (Lus. 9.7):

Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano.

3.^a *O continente pelo conteudo*. E' frequente esta metonymia não só na poesia, porém no fallar corrente. Quando dizemos — "beber um copo d'agua, uma garrafa de vinho, os applausos da platéa, Roma dominou o mundo e

a *Grecia* foi celebre na literartura”, as palavras — *copo, garrafa, Roma, Grecia*, indicam o *continente*, que é usado tropologicamente pelo *conteudo*.

4.^a *O conteudo pelo continente.* O phenomeno contrario ao do paragrapho antecedente é de igual frequencia. Quando se diz — “*sahir do correio, da escola, do Ministerio da guerra*”, *correio, escola, Ministerio*, são empregados figuradamente pelos edificios, onde funcionam essas repartições. Assim em Camões (Lus. 6.75):

Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nao de Coelho com receio.

5.^a *O logar pelo producto.* Muitos productos são chamados metonymicamente pelo nome do logar que os produz, taes como: *cognac, paraty, champanha, porto, havana, cachemira, damasco*.

6.^a *O producto pelo logar.* Não menos frequente é a metonymia em sentido contrario ao do paragrapho antecedente, como p. ex.: *Agua Virtuosa, Caldas (aguas thermaes), Minas Geraes*.

7.^a *O signal pela coisa significada.* Nas expressões — “*depende o throno e o altar, obedecer ao sceptro real, dar as chaves do reino dos Céus, “contra ella não prevalecerão as portas do inferno”, — throno e sceptro designam a realleza, altar a religião; chaves a auctoridade ou o poder de introduzir no Reino dos Céus; porta, o poder ou o governo, que no Oriente se exercia na porta da cidade, dahi a Sublime Porta, pelo Governo da Turquia. Todas essas palavras são signaes ou symbolos das idéas, que indicam.*

8.^a *O nome abstracto pelo concreto.* A realleza pelo *rei, vossa senhoria (V. S.^a), vossa excellencia (V. Exc.^a), sua sanctidade (S. S.), vossa alteza (V. A.), vossa majestade (V. M.)*, pelos individuos a que se referem; *honras, liberdades, infamias*, por *actos* de honra, liberdade, infamia, são frequentes exemplos desta classe de metonymia.

9.^a *O nome concreto pelo abstracto.* Quando S. Paulo ordena que nos despojemos do *homem velho*, e nos revista-

mos do *homem novo*, elle emprega o concreto *homem velho* e *homem novo*, pelo abstracto — *natureza humana* velha, corrompida, porém renovada e sanctificada. Empregamos ainda a mesma figura, quando fallamos de *cultura* pela coisa cultivada, de *divertimento* pela coisa que nos diverte, de *agrupamento* por pessoas ou coisas agrupadas, de *entrada* ou *sabida* pelo logar por onde se entra ou se sae, de *offerta* por coisa offertada, etc.

10.^a *O possuidor pela coisa possuida, e vice-versa.* *Neptuno* pelo mar: “*Neptuno* procelloso, todo tremeu medroso”. *Baionetas*, pelos que as trazem: “Um milhão de *baionetas* apoiavam suas pretenções”.

11.^a *O auctor pela obra.* Em ler *Virgilio*, *Homero*, estudar *Platão*, analysar *Camões*, os nomes proprios estão pelas suas obras.

Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

Lus. 5. 96.

Obs. “Na metonymia, escreve A. Darmesteter em *La vie des mots*, o espirito abarca de um relance os dois termos, em seguida o primeiro é logo esquecido pela lingua, que delle só retém o nome para applicá-lo ao segundo, que elle tem em vista unicamente”. A metonymia é uma figura de largo uso tanto na linguagem corrente, como na poesia.

III. SYNÉDOCHE.

357. SYNÉDOCHE (gr. = *comprehensão*) é o tropo “que toma um pelo outro entre dois termos de extensão desigual”, o mais pelo menos, ou o menos pelo mais, como, p. ex.:

1. *O genero pela especie.* Assim quando nomeamos a *Ceia* pela ultima refeição de Christo, a *confissão* pela confissão auricular, a *estação das rosas*, pela estação das flores, damos ás palavras gryphadas um sentido especializado.

2. *A especie pelo genero.* Uma translação de sentido inverso ao do paragrapho antecedente é usual: o *homem* pelo genero humano, o *boi* pela raça bovina, a *raposa*, o *elephante*, o *cão*, pela especie inteira.

Por isso, e não por falta de natura,
 Não ha tambem *Vergilios*, nem *Homeros*.

Lus. 5. 98.

3. *O plural pelo singular e vice-versa.* Nas expressões "*dizem as Sanctas Escripturas*", isto é, um passo ou versiculo das S. Escripturas, "*durar eternidades*", os pluraes estão pelo singular. Em "*proteger o orpham e a viuva*", o singular está pelo plural.

4. *O todo pela parte e vice-versa.* Se dissermos que a *humanidade* se suicida na conflagração européa, empregamos tropologicamente *humanidade* por uma parte da humanidade. O inverso se dá quando empregamos — *vela* pelo navio, *fogos* pelas casas, os *pelles-vermelhas* pelos indios assim denominados; aqui a parte funciona pelo todo.

5. *O nome commum pelo proprio e vice-versa.* O *Poeta* por *Camões*, o *Philosopho* por *Aristoteles*, o *Imperador* por *Napoleão*, e, inversamente, um *Creso* por homem muito rico, um *Tartufo* por um hypocrita, um *Amphytrião* por um homem que banqueteia convidados.

Obs. "Tem esta figura o nome barbaro de *antonomasia*". Para indicar a especialização ou individualização de um appellativo, é elle frequentemente escripto com letra maiuscula. — o *Poeta*, o *Sabio*. Quanto á generalização de um nome proprio, é este ás vezes escripto com letra minuscula, quando essa generalização é habitual — um *hercules*, um *havana*.

IV. CATACHRESE.

358. CATACHRESE (gr. = *abuso, esquecimento*) é a figura que consiste no esquecimento do primeiro termo por parte do espirito para considerar exclusivamente o segundo, p. ex.; *folha* de livro veio da extensão metaphorica de *folha* de arvore; ao enunciar, porém, o sentido metaphorico o espirito não se lembra mais do sentido originario. Assim quando dizemos: um *Creso*, um *Tartufo*, *cognac*, *caldas*, *embarcar*, *divertimento*, *pé-de-vento*, não nos lembramos, em geral, do termo originario donde tomamos o sentido tropologico dessas palavras, e a este esquecimento é que, segundo Darmesteter, se deve dar o nome de *catachrese*. Não é, pois, essa figura um *tropo*; é, antes, "a lei que diri-